

# **PROJETO . BOM RETIRO .**

**IMPRESSO POR GRÁFICA CINELÂNDIA**  
**PAPEL POLÉN 90G**  
**TIPOGRAFIA INTRO & GEORGIA**  
**100 EXEMPLARES** →

# **GT.**

**CAMILLA LORETA**

**FELIPE RAMIREZ**

**HELOISA SCARCELLA**

**ÍCARO LIRA**

**ISADORA BRANT**

**LÍVIA LEMOS**

**PAULA MARFERRA**

**PATRICIA HELENA DOS SANTOS**

**RENATA SCOVINO**

**THAIS SILVESTRE**

**TULA ABAD**

**BOM RETIRO. CENTRO. SP.**

**ABRIL DE 2015.**

4/20/2015 **Pepe resolve**

Aliás - Estadão

<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,pepe-resolve,1646438>

LAURA WAISBICH - O ESTADO DE S. PAULO

07 Março 2015 | 16h 00

Ao receber ex-presos de Guantánamo, o então presidente do Uruguai aumentou a relevância de seu país e ganhou pontos com os EUA sem deixar de cobrar o fim da prisão americana.

“Vocês poderiam me dar uma mão?” Foi assim que o presidente uruguaio José “Pepe” Mujica introduziu, por telefone, o assunto da acolhida de ex-prisioneiros de Guantánamo a seus companheiros de estrada, dirigentes da central uruguaia de trabalhadores. Havia meses o presidente estava convencido de que seu país deveria se envolver na transferência dos detidos que os Estados Unidos mantêm na ilha cubana. Um gesto humanitário, segundo ele, para “ajudar a pôr um fim a uma das maiores aberrações do continente”. Para entender melhor como Mujica operacionalizou a iniciativa, em meados de fevereiro fui a Montevideú, em missão da Conectas, onde encontrei alguns dos que se envolveram no processo.

Em dezembro de 2014, um acordo de transferência entre o Uruguai e o governo

americano permitiu que seis homens na condição de refugiados desembarcassem na capital uruguaia: Ahmed, Ali, Dihad, Abd, Abdul e Mohammed. Quatro sírios, um tunisiano e um palestino. Todos estiveram detidos por mais de uma década, sem acusação formal por qualquer crime contra os Estados Unidos. Anos de investigações não conseguiram encontrar nada contra eles, que tiveram suas fichas examinadas e limpas em 2010, depois de um processo de “revisão de status” que envolveu órgãos como os Departamentos de Defesa e de Justiça, a CIA (a agência de inteligência americana), o FBI (Agência Federal de Investigação) e a Casa Branca. Mesmo com transferência recomendada logo em seguida, eles permaneceram detidos por mais quatro anos.

“Vieram amarrados e vendados e quando abriram os olhos a primeira coisa que seus olhos libertos viram foi o Uruguai.” Assim a chegada me foi descrita, em duas ocasiões e com sorrisos orgulhosos nos rostos de meus interlocutores, um alto funcionário da presidência e um dirigente sindical. A negociação da transferência se deu de maneira discreta e quase exclusivamente no círculo mais próximo ao presidente: o chanceler, alguns poucos líderes da Frente Amplia (coalização de partidos de esquerda, hoje base do governo) e poucas outras figuras de confiança de Mujica.

A notícia veio a público em março de 2014, em pleno período pré-eleitoral.

Previsivelmente, o debate foi crispado e cresceu de importância na mídia sem que o governo estivesse preparado para a guerra de informações. O debate se polarizou. De um lado, argumentos como “é preciso prestar solidariedade, recebê-los” e “são os desaparecidos políticos do século 21”. De outro, contrário a sua vinda, ponderações como “se estavam lá é porque devem ser perigosos” ou “já temos muitos problemas internos para nos ocuparmos de mais um”.

Como bem lembrou o ex-secretário dos Direitos Humanos Paulo Vannuchi, em artigo recentemente publicado no Brasil, “é zero a chance de os militares norte-americanos libertarem presos sobre os quais pairasse a menor suspeita de envolvimento com organizações terroristas”. A cúpula de Mujica sabia disso e, mesmo assim, fez as próprias investigações antes de decidir trazê-los para o Uruguai.

Ainda em março, a Institución Nacional de Derechos Humanos y Defensoría del Pueblo lançou um comunicado em apoio à iniciativa, com a condição de que os ex-detidos viessem como homens livres e segundo as leis uruguaias de refúgio e asilo. Outras organizações de defesa de direitos também vocalizaram apoio. Os partidos de oposição foram contrários, desvirtuando o alinhamento histórico da direita latino-americana com as políticas dos Estados Unidos. Alguns veículos de mídia entraram na campanha ajudando a construir um perfil negativo “daqueles que estão em

Guantánamo”. A Igreja, por sua vez, optou pelo apoio silencioso.

Nos meses que se seguiram, as eleições presidenciais ocuparam o debate público e, em novembro, venceu o candidato governista, Tabaré Vázquez. No mês seguinte chegaram os refugiados de Guantánamo. E chegaram sem que houvesse uma estrutura e um plano de ação oficiais, inclusive em termos de recursos humanos e financeiros para levar a cabo o processo de instalação e integração. Chegaram porque alguns uruguaios se dispuseram a ajudar a libertar uns quantos de Guantánamo. “Chegaram à la Mujica”, como me foi dito numa ocasião, ou seja, de impulso. A expressão traduz o caldo de vontade política e esforços individuais que fez a transferência acontecer.

Um dos primeiros a abrir os braços foi o PITCNT (Plenario Intersindical de Trabajadores Convención Nacional de Trabajadores, a central sindical do Uruguai). “Neste país, os sindicalistas sabem o que significa uma prisão”, me disse um deles. Ficaram responsáveis pela acolhida inicial, de dois meses. À frente dessa tarefa nada convencional para um sindicalista estavam dois Fernandos: Pereira é o coordenador do PIT, Gambera, seu secretário de relações internacionais.

Depois de passarem uma semana em um hospital militar fazendo múltiplos exames os refugiados foram abrigados a princípio, todos juntos em uma casa do próprio sindicato, utilizada anteriormente para abrigar mulheres

CONTINUA →

# **GT.**

**CAMILLA LORETA**

**FELIPE RAMIREZ**

**HELOISA SCARCELLA**

**ÍCARO LIRA**

**ISADORA BRANT**

**LÍVIA LEMOS**

**PAULA MARFERRA**

**PATRICIA HELENA DOS SANTOS**

**RENATA SCOVINO**

**THAIS SILVESTRE**

**TULA ABAD**

**BOM RETIRO. CENTRO. SP.**

**ABRIL DE 2015.**

















## **EXTREMOS: DA FRANÇA À ARMÊNIA EM UMA TARDE**

Enquanto eu procurava imigrantes, uma moça francesa chamada Aude, me encontrou, se ofereceu para abrir sua casa e me colocou lá dentro no meio de suas cores e sua vida. E com sua essência doce como de uma criança, me apresentou D. Ana, sua vizinha e companheira de bate-papos durante as tardes. Entrei em dois mundos de um mesmo endereço. D. Ana, senhora armênia muito cautelosa, logo se negou a me deixar entrar, pois não estava em um dia bom. Mas ao agradecer e me apresentar, tudo mudou devido a identificação com a cidade do Recife, onde nós duas moramos grande parte de nossas vidas. Conheci a dualidade em uma tarde, Aude representada pela fertilidade do início da vida e D. Ana com seus medos e marcas de toda sua história.

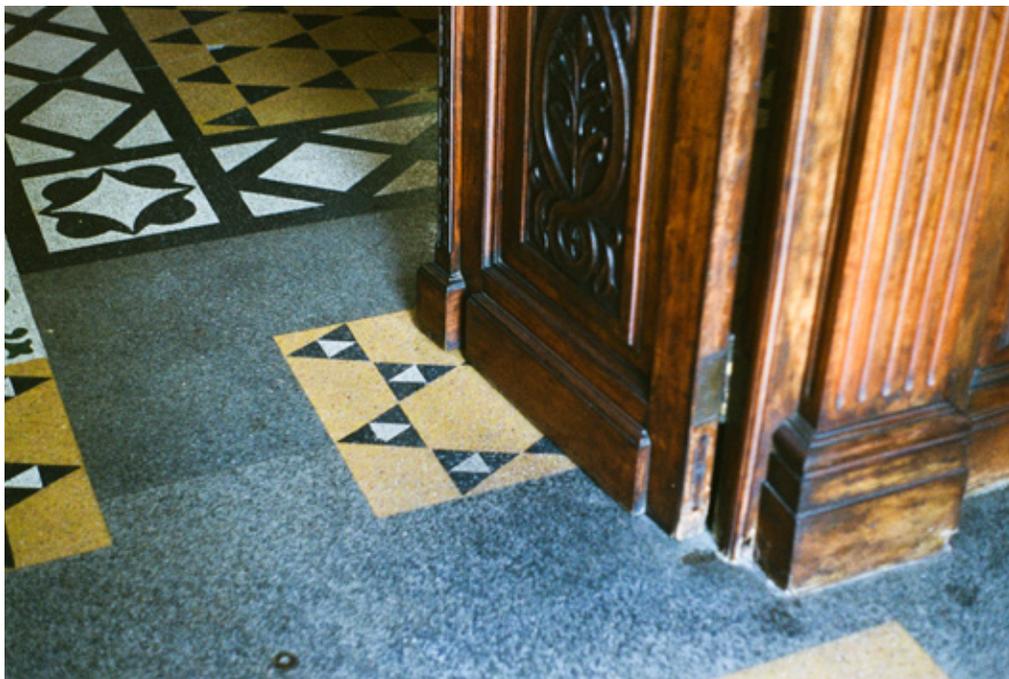
### **Universo envelhecido e armênio de D. Ana:**

Doçura - feminilidade - tristeza  
história - peso - medo - intocável

### **Universo infantil e francês de Aude:**

Doçura - feminilidade - liberdade  
essência - coragem - leveza

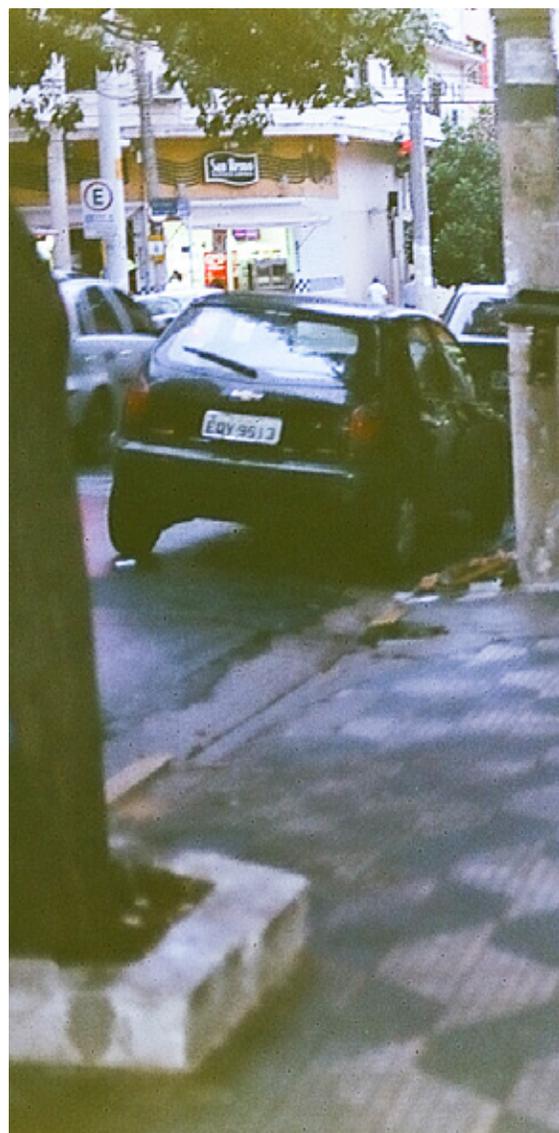
REFÚGIO







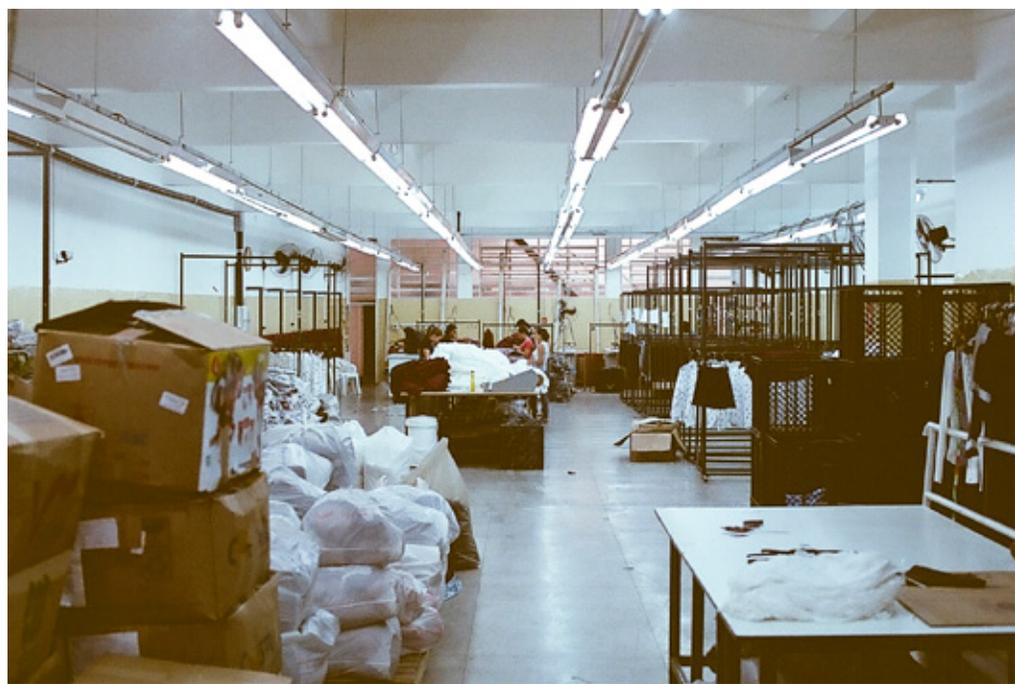
















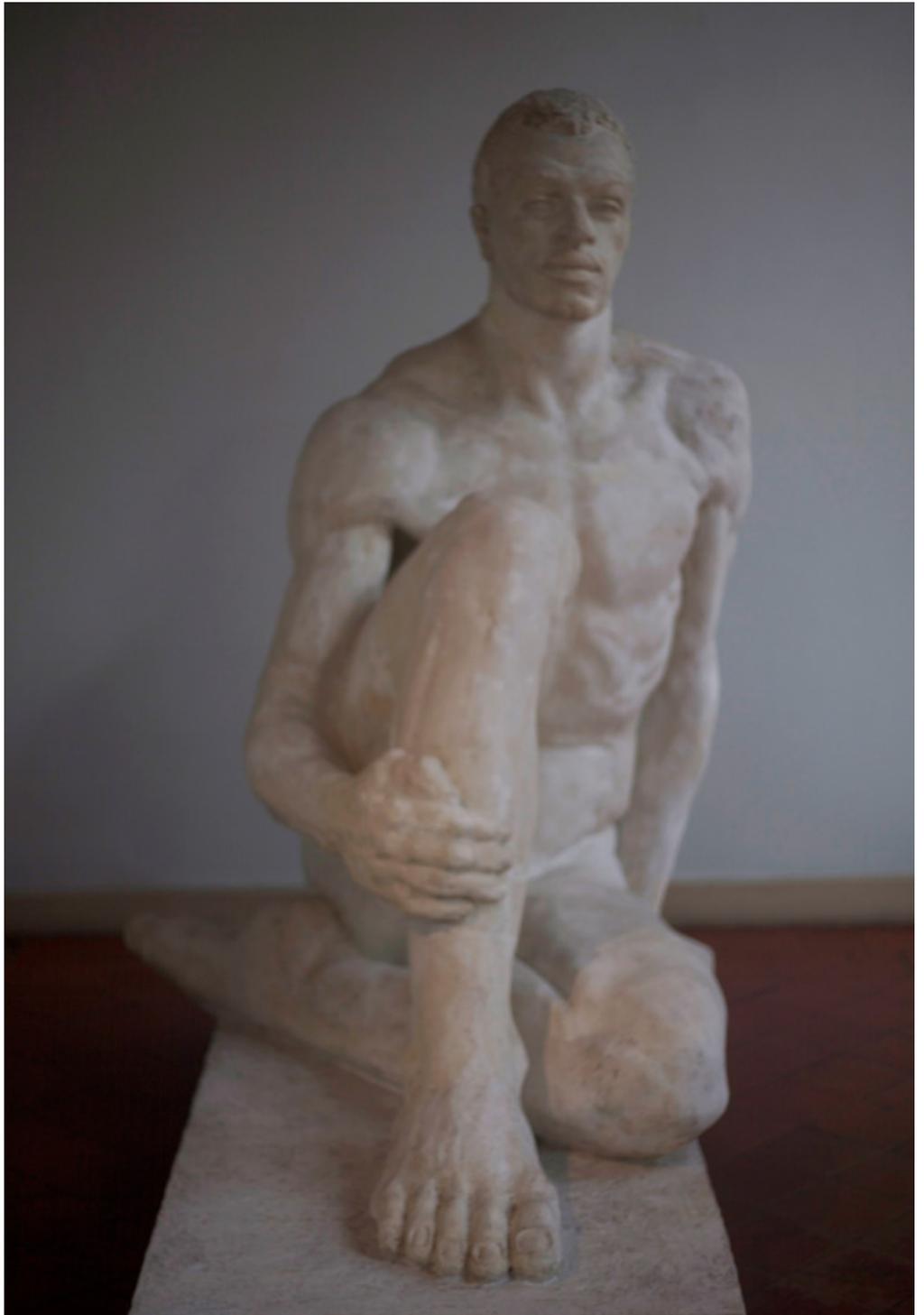
# **FERNANDO CARRERA PLAYS RAVEL'S SONATINE**



**FERNANDO CARRERA. PIANISTA  
LIGUE: 11 998821844**

**[WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CFTRVVO4UGI](http://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CFTRVVO4UGI)**











**24 DE JANEIRO DE 1835,**

**AHUNA, PACIFICO LICUTAN, NICOBÉ, DAMALU,  
GUSTARD, MANUEL CALAFATE**

**HÁ DE SE TER LUTA, DE QUE SE PASSARÁ,**

**E DEPOIS**

**SENTIR.**

**DO MERGULHO DO HOMEM, DEIXA VIR AOS  
POUCOS QUE AJOELHANDO SENTE, A TERRA  
EXISTE, ASSIM COMO O SOM DO VENTO BATE  
EM SEU PEITO, O TRAJETO ESCOLHIDO É A  
EMBOSCADA MÁXIMA.**

**ESQUECE TEU NOME. SEGUE TEU CAMINHO.**

*EN LOS PRIMEROS DÍAS EN URUGUAY, A  
DONDE LLEGÓ EN DICIEMBRE PASADO, EL  
ÚNICO GESTO QUE TUVO FUE ASOMAR A LA  
VENTANA UNA FOTO DE SU HIJO ASESINADO  
Y EL PANTALÓN NARANJA QUE USABA EN  
GUANTÁNAMO.*

**E O PASSAR DOS DIAS, DOCES, O SANGUE  
ENGROSSA, ADOECE, E TEM COMPANHEIROS  
EM TODAS AS ESQUINAS,**

**CAMUFLADOS, VENDEM OBJETOS, RÁPIDOS,  
DESAPARECEM. UMA CARTA FRENTE A OUTRA,  
MÃOS TROCAM SUA ORDEM, ONDE ESTÁ O  
AVISO? QUARTINHO, COMIDA, CHEIRO QUENTE,  
FILHO MEU.**

**SE VOCÊ OLHAR PELA FRESTA, UMA MULHER  
REVOLVE UM CALDO, E ESCONDE SUA CRIANÇA  
QUE BRILHA O OLHO PROCURANDO LEITE.**



*"VIERAM AMARRADOS E VENDADOS, AO  
ABRIREM OS OLHOS LIBERTOS, A PRIMEIRA  
COISA QUE VIRAM FOI O URUGUAY"  
MUJICA, 2014.*

**AHMED, ALI, DIHAB, ABD, ABDUL, MOHAMMED**

**NUMA SALA DE LUZ DIFUSA, SE ENCONTRA O  
PRIMEIRO SOL DE JANEIRO. O TEMPO REMOTO  
SE DILATA. ENCOSTA O OSSO NA PARTE MAIS  
FRIA DA CADEIRA. ENCONTRO.**

**DE MERGULHAR, DEPOIS O CANO, QUE DESCE,  
FAZENDO O BARULHO CONHECIDO.**

**D.OUVE, ATENTO.**

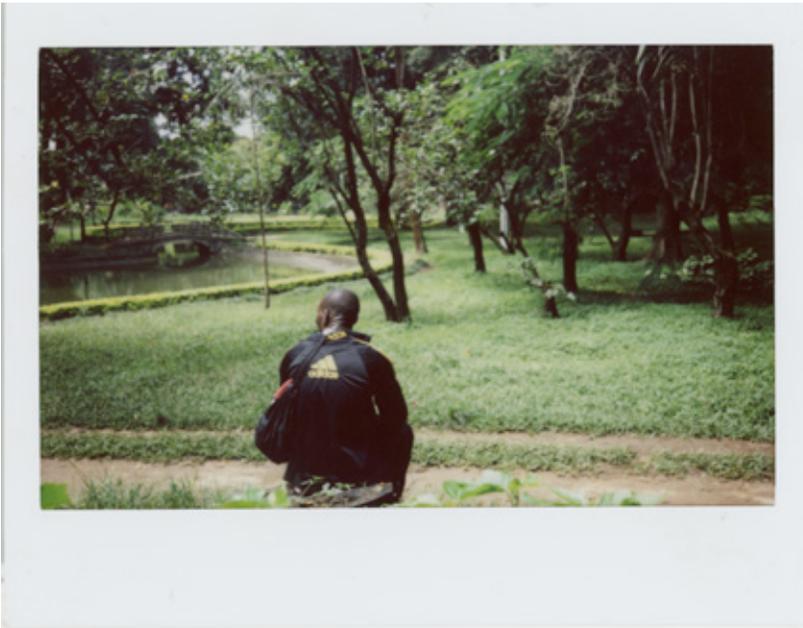
**SE AQUILO TEM OLHOS, BOCA, EXCREMENTO. O  
BURACO DO NARIZ, ENTRADA.**

**TOMA O MISTÉRIO, QUE AQUILO QUE INVADE  
TEU CORPO, DE SORRATEIRO SIBILO, VAI  
TOMANDO CONTA DE TUDO. ISSO D., SABE  
SEU CORPO? QUE PADECE DEPOIS TORNA  
A LEVANTAR? FEITO CHOQUES ELÉTRICOS.  
CARNE TEM O GOSTO, O PULSAR ESTÁ NAS  
MÃOS.**

**O SANGUE SE TORNA RALO MAS NÃO MORRE.  
OBSERVA QUE TE IMPEDE DE LEVANTAR,  
SEGUIR, DEZ HORAS, DIA FRENTE O DIA. TEM  
DEDOS QUE SE CRUZAM, SEM CONTROLE, E A  
LÍNGUA JÁ NÃO TEM MÚSCULO CAI O CORPO,  
NO DILATADO DO TEMPO, QUE JÁ NÃO É PELE,  
NEM OSSO MAS NÃO MORRE.**

**DESAPARECE, PARA ENTÃO**





















De: **Patrícia Helena dos Santos** <pati\_hs@hotmail.com>

Data: 15 de abril de 2015 00:02

Assunto: RE: oficina de fanzine - 18/03

Para: Ícaro <ikarolira@gmail.com>, Paula Ferreira <paulamarferra@gmail.com>, "eli.eli213" <eli.eli213@gmail.com>, Renata Scovino <renata.resco@gmail.com>, thaisilvestre <thaisilvestre@gmail.com>, Camilla Loreta <camillaloreta@gmail.com>, Heloisa Scarella <helo\_f\_s@hotmail.com>, Livia Lemos <livialemosdemattos@gmail.com>, Felipe Ramirez <felipesramirez@gmail.com>

Bem Felipe, hoje eu parei e baixei todas as fotos; visualizei uma por uma, e acho muuuuito difícil fazer uma seleção, pois gosto de tantas! Acho mais fácil separar as que menos me agradam, que são as de objetos (frutas) e fachadas do segundo rolo / email; não que as ache ruins, mas acho que estas são claramente mais fracas comparadas com as outras, e isso porque as dos caras jogando, que estão nesse mesmo e-mail, são muito fortes, bem expressivas. Em relação as fotos do primeiro email, gosto especialmente dos retratos das pessoas na ciclovia e na rua; eu achei incrível todas essas relações/ sobreposições que você fez com elas, me passou uma idéia de montagem bem interessante, sem contar o efeito plástico, com essas texturas e cores tão únicas; eu isso me pegou de um jeito bem legal, pois superficialmente olhando pra elas, elas passam a idéia de um registro documental, mas acho que muito por causa dessas escolhas de montagem, de cor e de suporte (eu gostei muito dessa escolha de papel, tanto pelo material quanto pelo formato), a forma chamou minha atenção para um olhar diferenciado no registro, um conteúdo de caráter afetivo para as fotos. Assim sendo, eu meio que concordo com as preferências do Ícaro, adicionando que também gosto bastante das duas últimas do primeiro e-mail, dos trens e fiação elétrica; elas me chamam a atenção por todos os motivos formais relatados acima, mas também porque me passam um certo conteúdo simbólico pela importância que a linha ferroviária teve e tem historicamente para a região, e também por todo esse cinza, concreto, aspereza e desgaste que facilmente a gente relaciona ao ambiente urbano e à São Paulo. Acho que me empolguei um pouco, então desculpem-me pelo tamanho do texto e se disse algumas bobagens!











FILE MIGNON	900.
FILE COM OSSO	730.
ALCATRE	660.
C. MOLE	640.
PATINHO	640.
LAGARTO	650.
C. DURO	640.
MUSCULO COM OSSO	480.
CAPA DE FILE	460.
BRACO	480.
ASSEM	480.
PEITO	460.
FRANGO	680.
TOUCINHO	
BISTECA DE PORCO	700.
RABADA	450.
FIGADO	500.
MIOLO	
CORAÇÃO	300.













# PROJETO . BOM RETIRO .

ESSA PUBLICAÇÃO FOI REALIZADA POR UM GRUPO DE TRABALHO COM A ORIENTAÇÃO DE ÍCARO LIRA NA OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE ENTRE MARÇO E ABRIL DE 2015, DENTRO DO PROJETO BOM RETIRO E DA EXPOSIÇÃO MUSEU DO ESTRANGEIRO .

## AGRADECIMENTOS :

ARIANA MILIORINI . CASA DO POVO . CAMILLA LORETA . COLETIVO GARAPA . COLETIVO OCUPEACIDADE . CRAI - CENTRO DE REFERÊNCIA E ACOLHIDA PARA IMIGRANTES . GUILHERME FALCÃO PELEGRINO . ISADORA BRANT . MARTINA BRANT . MARCELO DELAMANHA . MARTA MESTRE . MISSÃO PAZ . CASA DO MIGRANTE . NINA PAULINE KNUTSON . OFICIAN OSWALD DE ANDRADE . YUDI RAFAEL .

EDIÇÃO DE ÍCARO LIRA & ISADORA BRANT  
PROJETO GRÁFICO DE MARTINA BRANT



*VIBRANT*

SÃO PAULO . SP  
2015



vítimas de violência doméstica. Os custos com alimentação, higiene e aulas de espanhol foram pagos pelo sindicato, ou seja, com o dinheiro da contribuição dos trabalhadores uruguaios.

Os sindicalistas acompanharam os refugiados a seus muitos compromissos médicos e terapêuticos. Dihab, por exemplo, chegou ao Uruguai sem poder andar e em estado crítico. Na prisão, ele decidira iniciar uma greve de fome. Foi impedido. Por dois anos, os guardas de Guantánamo alimentaram-no de maneira forçada, por meio de tubos.

O desafio de comunicar-se foi outro obstáculo. Como eles não falam espanhol e ninguém do lado uruguaio, o árabe, a mediação ocorre em inglês, a cargo de um jovem de pouco mais de 20 anos, filho de um dirigente do PIT. Coube também aos Fernandos zelar pela privacidade dos refugiados. Foram filtros e interlocutores entre eles e a sociedade e, sobretudo, a mídia. Nem sempre conseguiram e muitas coisas vazaram. Ironicamente, talvez esses vazamentos tenham humanizado os refugiados. O fato é que, aos poucos, a percepção da sociedade uruguaia sobre eles tornou-se bastante positiva.

Se na campanha eleitoral o tema gerava polêmica, esta diminuiu bastante após a chegada do grupo, com quase nenhuma voz questionando o acolhimento. Prova maior veio dos vizinhos. No dia em que souberam da chegada dos novos moradores do bairro, foram recebê-los com flores da estação e

folhas de menta. Alguém havia escutado de outro alguém que lá de onde eles vêm se toma bastante chá de menta. A padaria também enviou uma cesta de pães de presente.

No processo de integração a uma nova vida, no entanto, nem tudo são flores. Esses são homens que não apenas devem se re-acostumar à liberdade em um país distinto, mas com traumas em múltiplos níveis. Não confiam em quase ninguém, nem nos profissionais de saúde que lhes oferecem ajuda. A tortura, frequentemente realizada por médicos, deixou sequelas.

A partir de março, quem cuidará deles será o Servicio Ecueménico para la Dignidad Humana. A organização trabalha com refúgio desde os tempos da ditadura e, hoje, são os conveniados da Acnur (agência da ONU para refugiados) Uruguai. Seu acordo com a chancelaria uruguaia para cuidar da integração dos seis refugiados durará dois anos. Durante este tempo, os homens receberão uma ajuda financeira de 15 mil pesos por mês (no Uruguai um salário mínimo é de pouco menos de 9 mil pesos) e poderão trazer as famílias para viver com eles. Até o momento, apenas um expressou interesse em trazer mulher e filhos. Os demais, ainda solteiros, e tendo passado importante parte da juventude detidos, desejam apenas recomeçar.

A experiência uruguaia na acolhida é particular. Esse é um país em que a escala importa. Ali, as relações interpessoais podem ser determinantes

para o rumo da política e das políticas como neste caso. Mujica e seus apoiadores na empreitada provaram que, do ponto de vista logístico, é possível colaborar para o fim dos abusos cometidos em Guantánamo e para o fechamento dessa prisão fora da lei. As recompensas políticas são várias. O presidente ganhou pontos com os Estados Unidos, aumentou as credenciais do Uruguai como país relevante na região e fortaleceu sua imagem pessoal ao redor do globo. Mujica foi fiel a si mesmo, especialmente quando usou a ocasião para criticar a política americana de luta contra o terror e lembrar que, no futuro, o território ocupado pela prisão deve ser devolvido a Cuba.

Hoje, Guantánamo ainda abriga 122 homens, a maioria de nacionalidade iemenita. Desses, apenas 17 são considerados “de alto valor” para o governo americano. Quase 60 dos restantes já tiveram sua ficha criminal analisada e revista pelo governo americano: não há e não haverá nenhuma queixa contra eles, apesar de seguirem detidos.

É consenso entre os que acompanham o caso a percepção de que muitos desses homens acabaram ali por estarem no lugar errado, na hora errada. Ora, muito da até agora bem sucedida acolhida do Uruguai advém do alinhamento improvável desse país ser, para os seis homens, o lugar certo, na hora certa. Um país de

imigrantes, com tradição de acolhida de refugiados políticos, governado por um presidente determinado a recebê-los e com uma sociedade disposta a ser solidária. “Vale a pena”, me disse um dos envolvido no processo.

Quando perguntado como fazer para convencer os céticos, disse: “Ficam os números. O que são mais seis pessoas, no conjunto de 329 refugiados que hoje vivem no Uruguai, um país de 3,4 milhões de pessoas?”. Não pude deixar de pensar: e o que seriam mais alguns poucos no total de 7,3 mil que hoje estão no Brasil, com 200 milhões de pessoas?

LAURA WAISBICH É ASSESSORA DE POLÍTICA EXTERNA DA ONG CONECTAS, BACHAREL EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS PELA PUC-SP E MESTRE EM CIÊNCIA POLÍTICA PELO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS, SCIENCE PO, EM PARIS

